

ARTE E O ACORDO ORTOGRÁFICO

ART AND ORTHOGRAPHIC AGREEMENT

Joaquim Pires Reis

Resumo

O presente artigo busca relatar uma experiência da interarte com a ortografia, vivenciada junto à comunidade escolar da E. M. Paulo Cezar Cunha, 2012, no município de Contagem, MG. Experiência oriunda da problemática que exigia de todos os profissionais envolvidos com o ensino aprendizagem dos discentes, uma ação coletiva e pedagógica. Como ensinar as novas regras do Acordo Ortográfico de uma maneira prazerosa e educativa? Depois de vários debates entre os profissionais da educação e os aprendizes, a ideia de executar um projeto interdisciplinar, tendo o Novo Acordo Ortográfico como tema central, foi o escolhido. Damos ênfase a uma metodologia calcada na interarte entre as relações visuais e teatrais, para chamar a atenção de uma maneira diferenciada para o Acordo Ortográfico. O objetivo era consentir aos alunos um ensino aprendido, por meio de uma experiência estética que provocasse uma eficácia educacional entre sujeito e objeto. Os alunos, ao se depararem com uma metodologia interdisciplinar, interacionista e multieducacional, tiveram a oportunidade de se perceber como sujeito construtor do seu saber, capaz de ensinar e aprender em coletivo.

Palavras-chave: Interarte. Educação. Ortografia

Abstract

This article seeks to report an experience of interaction with spelling, lived together the community's school of E. M. Paulo Cezar Cunha, 2012, in the municipality of Contagem, MG. Experience originated from the problematic that required of all the professionals involved with the teaching learning of the students, a collective and pedagogical action. How to teach the new rules of the Orthographic Agreement in a pleasant and educational way? After several debates between educational

professionals and apprentices, the idea of executing an interdisciplinary project, with the New Orthographic Agreement as the central theme, was chosen. We emphasize a methodology based on the interaction between visual and theatrical relationships, in order to draw attention in a different way to the Orthographic Agreement. The objective was to allow the students a teaching learning, through an aesthetic experience that provoke an educational effectiveness between subject and object. The students, when faced with an interdisciplinary, interactionist and multi-educational methodology, had the opportunity to perceive themselves as a constructive subject of their knowledge, capable of teaching and learning in a collective.

Keywords: Interact. Education. Orthography

1. Surge uma ideia

No início do ano letivo de 2012, a comunidade escolar da E. M. Paulo Cezar Cunha se deparou com uma problemática que exigia de todos os profissionais envolvidos com o ensino aprendizagem dos discentes, uma ação coletiva e pedagógica.

Como ensinar as novas regras do Acordo Ortográfico de uma maneira prazerosa e educativa? Depois de vários debates entre os profissionais da educação e os aprendizes, a ideia do professor de arte de executar um projeto interdisciplinar, tendo o Novo Acordo Ortográfico como tema central, foi o escolhido.

A interdisciplinaridade é compreendida como uma forma de trabalhar em sala de aula, na qual se propõe um tema com abordagens em diferentes disciplinas. É compreender, entender as partes de ligação entre as diferentes áreas de conhecimento, unindo-se para transpor algo inovador, abrir sabedorias, resgatar possibilidades e ultrapassar o pensar fragmentado. É a busca constante de investigação, na tentativa de superação do saber. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) orientam para o desenvolvimento de um currículo que contemple a interdisciplinaridade como algo que vá além da justaposição de disciplinas e, ao mesmo tempo, evite a diluição das mesmas de modo a se perder em generalidades. O trabalho interdisciplinar precisa “partir da necessidade sentida pelas escolas, professores e alunos de explicar, compreender, intervir, mudar, prever, algo que

desafia uma disciplina isolada e atrai a atenção de mais de um olhar, talvez vários” (BRASIL, 1999, p. 88-89).

A proposta da interarte com a educação interdisciplinar, tendo o Acordo Ortográfico como tema central, parte do pressuposto de que o diálogo entre os envolvidos nesta experiência é fundamental para o sucesso dela.

Por isto, o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidariza o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutastes. (FREIRE, 2013, p. 93)

Assim como Paulo Freire (2013), a proposta analisada neste artigo anula a educação bancária, centrada no ensino da oratória e valoriza o aluno como sujeito da sua aprendizagem e construtor do seu pensar. Oferece a eles uma problemática (as regras ortográficas) e ao mesmo tempo seduz o aluno a investigar o problema pela interarte e a dialogicidade.

O importante, do ponto de vista de uma educação libertadora, e não bancária, é que, em qualquer dos casos, os homens se sintam sujeitos de seu pensar, discutindo o seu pensar, sua própria visão do mundo, manifestada implícita ou explicitamente, nas suas sugestões e nas de seus companheiros. (FREIRE, 2013, p. 141)

Ao selecionar na interarte os eixos temáticos da arte, teatro e artes visuais, buscamos em Ana Mae, Augusto Boal e Viola Spolin subsídios metodológicos para vivenciar a proposta analisada.

Para Mae, o professor de arte precisa levar em consideração que o ensino desta disciplina precisa valorizar a leitura, a contextualização e o fazer artístico. “Tal educação, capaz de desenvolver a auto expressão, apreciação, decodificação e avaliação dos trabalhos produzidos por outros, associados à contextualização histórica” (MAE, 1998, p.19).

Para desenvolver a educação teatral com os alunos, optamos pela metodologia de algumas partes (cena, comentários e exortação) do Sistema Coringa¹ do Teatro do Oprimido de Boal. O objetivo deste autor que também se

¹ O Sistema Coringa foi estruturado no decorrer da efetivação do Teatro do Oprimido de Augusto Boal. Esse tipo de espetáculo é dividido em sete partes principais: Dedicatória, Explicação, Episódio, Cena, Comentário, Entrevista e Exortação. A estrutura do elenco é composta pelo Coringa que é

tornou o nosso é de transformar o espectador da peça teatral *Linguagem* em espectador². Isto é, oportunizar à plateia o direito de discutir, de maneira cênica, com os alunos atores as regras da nova ortografia.

A poética do oprimido é essencialmente uma Poética da Libertação: o espectador já não delega poderes aos personagens nem para que pensem nem para que atuem em seu lugar. O espectador se libera: pensa e age por si mesmo! Teatro é ação! (BOAL, 2013, p. 181).

Utilizamos também o conceito de Jogos Teatrais de Spolin (2015) que afirma: “Aprendemos através da experiência, e ninguém ensina nada a ninguém”. Que o “Jogo é uma forma natural de grupo que propicia o envolvimento e a liberdade pessoal necessária para a experiência”.

O discente que queremos é o que seja capaz de se perceber como sujeito aluno construtor do seu processo de ensino aprendizagem com o objeto, que é interarte e a ortografia, sem imposição de uma educação bancária.

2 A Experiência

2.1. Como foi organizada a experiência

O relato do projeto se fará a partir da visão das aulas de arte. O professor da disciplina, juntamente com os alunos, esperava vivenciar o apreciar, o fazer e o contextualizar das artes plásticas e do teatro e, por consequência, compreender e aprender a nova ortografia da Língua Portuguesa. Pois a arte por si só educa!

De acordo com uma conversa informal com os aprendizes, deu para perceber que mais de 90% nunca tinham ouvido falar das novas regras do acordo ortográfico, não sabiam o porquê da mudança e nem quais os países tinham como língua materna a Língua Portuguesa. Então, os professores perceberam que a utilização dos manuais, explicitando as mudanças de regras da nossa língua, não seria suficiente.

polivalente, que faz adaptação do texto e estimula a plateia a metamorfose do espectador, Protagonista que desperta a empatia na plateia, os Coros Deuteronista e Antagonista, cada um com seu Corifeu.

² É a metamorfose do espectador que ocorre na exortação, momento da peça teatral que o espectador sobe ao palco e age de maneira crítica e cênica, discute com os demais atores a problemática da cena para encontrar soluções plausíveis.

O professor de Arte apresentou uma peça teatral da sua autoria, que traz como tema o novo acordo ortográfico. Na peça teatral *Linguagem*, o autor explicita as mudanças das regras da ortografia, os países Lusófonos envolvidos no acordo e também enfatiza conhecimentos suficientes para discutir se o acordo era positivo ou negativo para o Brasil.

Dessa perspectiva, pode-se dizer que

O papel do professor será de realizar a aproximação do aluno com o objeto de conhecimento, problematizando, mediando, oportunizando intervenções pedagógicas, mas, principalmente, permitindo que o aluno seja o autor do seu conhecimento, em outro tempo e em outro espaço, através de uma postura de incentivo e atribuição de apoio e acolhida. (BORTOLON e GOMES, 2011, p. 54)

Em um consenso geral entre os participantes do projeto, foi decidido que as turmas do 1º, 2º e 3º anos do 3º ciclo teriam uma aula por semana em todas as disciplinas, durante o ano letivo, sobre O Novo Acordo Ortográfico. Isso daria em torno de 46 aulas, que, nas dispensas quinzenais, (que hoje não existe mais) os professores se reuniam para discutir, refletir e fazer adaptações no projeto, se fosse necessário. Optamos por um projeto longo, devido à necessidade do aluno de ter um tempo suficiente para assimilar e amadurecer o seu conhecimento acadêmico.

Um dos primeiros passos do projeto foi definir o título. Recebemos várias propostas de toda a comunidade escolar e, através de uma votação com os alunos, foi escolhido o título: *Arte e o acordo Ortográfico*. A justificativa do título se deu pelo fato de que a Arte é um campo privilegiado para interdisciplinaridade. Importante ressaltar que a Arte não foi utilizada como meio de ensinar o Novo Acordo Ortográfico, mas sim a arte pela arte que, por si só, educa.

De acordo com Os Currículos Básicos Comuns - Arte - do Estado de MG (2005), os ensinamentos da Arte “Devem proporcionar, sempre, a vivência e a reflexão em arte, que deverão se expandir para diferentes áreas do conhecimento.”.

De acordo com o combinado entre os envolvidos no projeto, faríamos, juntos com os aprendizes, os cartazes e *banner* convidando toda a comunidade escolar para participar do projeto.

Figura 1 – Banner do Projeto Arte e o Acordo Ortográfico



Fonte: Arquivo pessoal – 2012

No decorrer do ano letivo de 2012, realizaríamos com os alunos as seguintes tarefas: Cartazes e ilustrações das regras ortográficas, minidicionário, soletrando com as palavras do Acordo Ortográfico e interpretação da peça teatral Linguagem.

Com o envolvimento da comunidade escolar, as tarefas foram assim divididas. A professora de Português ficou responsável pelo estudo das regras do Acordo Ortográfico, com a realização de atividades referentes à temática e, junto com a professora de ciências, a realização do soletrando. A professora de ciências e a de Inglês, pela realização do minidicionário. O professor de história e de geografia trabalharam a localização e a história dos países lusófonos. O professor de arte, juntamente com os alunos, a confecção de cartazes, do *banner*, da capa do minidicionário, do certificado do soletrando, da ilustração das regras da nova ortografia, da apresentação teatral e do certificado da peça. O Professor de Educação Física ficou com o apoio geral. A direção auxiliou disponibilizando material e incentivando a participação da comunidade escolar. Os funcionários da secretaria, da biblioteca, da cozinha e da faxina também auxiliavam com a distribuição de bilhetes de incentivo ao projeto ou com a distribuição das regras da nova ortografia.

O professor de Arte, no ano de 2012, tinha três aulas da disciplina em cada ano do 3º ciclo. Uma foi destinada ao projeto Arte e o Acordo Ortográfico, uma para o eixo artístico da arte, o teatro e a 3ª para as artes visuais (desenho). Como critério de seleção dos conteúdos, levando em conta os três eixos (apreciar, contextualizar e fazer) articuladores do processo de ensino-aprendizado, a seleção e a organização dos conteúdos do teatro e das artes visuais (desenho) foram considerados os

seguintes critérios: Conteúdos que favorecem a compreensão da arte como cultura, do artista como ser social e dos alunos como produtores e apreciadores. Conteúdos que valorizam as manifestações artísticas dos alunos, contextualizadas com o projeto realizado. Conteúdos que possibilitam que os três eixos da aprendizagem possam ser realizados com grau crescente de elaboração e aprofundamento.

Vou descrever como foram as aulas das artes visuais para depois descrever como foram as do teatro.

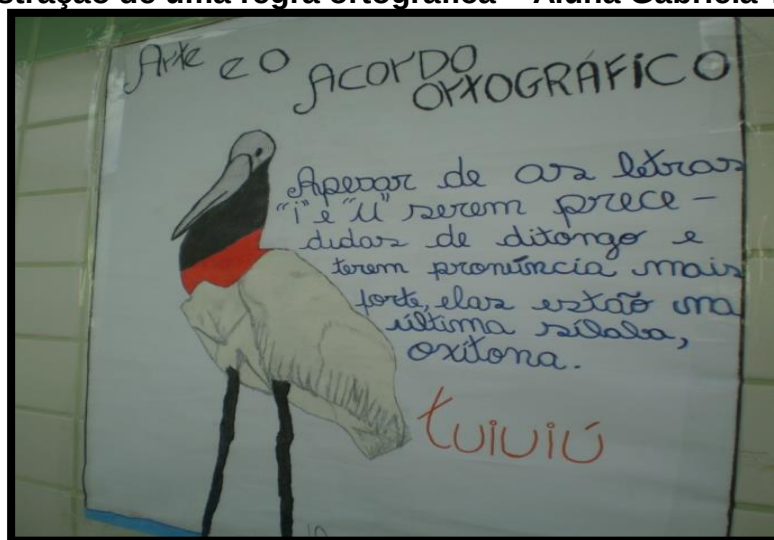
2.2. Artes visuais

Nas aulas de desenho, os alunos vivenciavam os elementos básicos desta arte. Contextualizava, apreciava e fazia a arte da linha, do ponto, do volume, da cor, da perspectiva, da sombra e da luz.

Criar e perceber formas visuais implica trabalhar frequentemente com as relações entre os elementos que as compõem, tais como ponto, linha, plano, cor, luz, movimento e ritmo. As articulações desses elementos nas imagens dão origem à configuração de códigos que se transformam ao longo dos tempos. Tais normas de formação das imagens podem ser assimiladas pelos alunos com conhecimentos e aplicação prática recriadora e atualizada em seus trabalhos, conforme seus projetos demandem e sua sensibilidade e condições de concretizá-los permitam. O aluno também cria suas poéticas onde gera códigos pessoais. (BRASIL, 1999, p. 56)

Ao adquirirem conhecimentos suficientes sobre o desenho, o professor de arte introduziu a temática do Acordo Ortográfico nas aulas. A primeira atividade foi a realização de cartazes ilustrativos sobre uma das regras da nova ortografia. Em cada sala de aula, os alunos formaram grupos de trabalhos. Cada grupo escolheu uma das regras ortográficas e ilustrou-a de maneira artística.

Figura 2 – Ilustração de uma regra ortográfica – Aluna Gabriela Tavares Silva



Fonte: Arquivo pessoal – 2012

Depois de executar a tarefa, o grupo apresentava o cartaz para os demais e juntos discutiam sobre a arte apresentada. A avaliação era feita por todos, mediados pelo docente. Não existia julgamento de bom ou ruim, mas sim: Que tipo de linha foi usado? O desenho tinha profundidade? E as cores? Elas ajudaram no objetivo do grupo? Usaram o efeito de sombra e luz? Por quê? O grupo conseguiu, por meio do desenho, passar sua mensagem? O foco do desenho foi o signo ou o significado?

O signo é como a união de um significante e um significado, mais ou menos restritivamente como a menor unidade portadora de sentido proveniente de uma combinação de elementos do significante e do significado (...) sendo esta combinação a significação do signo. (PAVIS, 1999, p. 357)

O desenho feito pelo grupo pode ser considerado como símbolo da mudança ortográfica escolhida. “O símbolo é um signo que remete ao objeto que ele denota em virtude de uma lei, geralmente uma associação de ideias gerais, que determina a interpretação do símbolo por referência a este objeto” (PAVIS, 1999, p. 357).

Depois da realização das atividades, os cartazes foram colados no mural da escola.

Figura 4 – Painel com ilustrações de regras ortográficas- alunos do 3º ciclo



Fonte: Arquivo pessoal – 2012

Os alunos sugeriram montar pequenas apostilas ilustradas com as regras ortográficas. Como a ideia foi considerada boa, os próprios aprendizes ficaram encarregados de reproduzirem a obra artística na folha A4. Cada apostila foi encadernada e disponibilizada para a biblioteca. Junto com as apostilas, foram entregues também alguns dos minidicionários com palavras que sofreram mudanças gramaticais. Lembrando que as capas foram produzidas pelos alunos nas aulas de arte, após terem vivenciados os elementos básicos do desenho.

Figura 5 - Capas dos minidicionários



Fonte: Arquivo pessoal – 2012

Os próprios alunos fizeram a arte dos certificados dos soletrando. No dia, os alunos foram levados para a quadra e as palavras do soletrando foram todas retiradas da nova ortografia.

Foto 6 – Vencedores do soletrando



Fonte: Arquivo pessoal – 2012

2.3. Teatro

Na primeira aula de arte destinada ao Teatro e ao Acordo Ortográfico, foi distribuída aos discentes a peça teatral para os alunos lerem individualmente dentro da sala. Depois cada um escolheu um personagem e leram a peça no coletivo.

Foto 7 – Leitura da peça Linguagem



Fonte: Arquivo pessoal – 2012

No segundo momento, os alunos vivenciavam a metodologia dos jogos teatrais adaptados pelo professor de arte. Nos jogos, foi introduzida a temática das mudanças ortográficas. No auditório da escola, os alunos praticavam os jogos teatrais, tendo os personagens da peça teatral “Linguagem” como foco a vivenciar.

Todas as pessoas são capazes de atuar no palco. Todas as pessoas são capazes de improvisar (...) Aprendemos através da experiência, e ninguém ensina nada a ninguém (...) se o ambiente permitir, pode apreender qualquer coisa e se o indivíduo permitir, o ambiente lhe ensinará tudo o que ele tem para ensinar. (SPOLIN, 2015, p.56)

As adaptações dos jogos permitiam que os alunos personificassem as novas regras da ortografia e, espontaneamente, improvisassem cenas teatrais como se fossem eles próprios elementos da Língua Portuguesa. O texto teatral, além de ser calcado nas regras da Nova Ortografia, explicitava o lado positivo e negativo de como a mudança ortográfica foi realizada no Brasil. Além disso, dava liberdade aos aprendizes de improvisar as cenas e de discutir as regras ortográficas dentro do teatro.

2.3.1. Jogos de Improvisação

Todos os jogos teatrais foram adaptados pelo professor de arte Joaquim Pires dos Reis baseados nas obras de Spolin (2015) e Boal (2013).

Orientação:

a) Um aluno/ator vai para o palco e começa uma atividade. Outros se juntam a ele, um de cada vez, com personagens definidos (Quem) começa o jogo teatral. O primeiro jogador é um juiz. Os demais são advogados de defesa e acusação, Linguagem, Escrita, Língua, Gramática e demais personagens da peça “Linguagem”. O primeiro a pisar no palco tem a sua identidade e a sua função oculta dos demais.

b) Foi estabelecido o Onde (Tribunal de Justiça). Um aluno/ator escreve em um pedaço de papel se é contra ou a favor do acordo ortográfico. Entrega para o professor e vai para o palco. O juiz deu o veredicto. Qual a reação do personagem. Ponto de concentração: o aluno/ator é contra ou a favor do acordo ortográfico.

Onde?

a) O aluno/ator deve sair ou entrar em um ambiente do texto “Linguagem”. O palco é usado apenas como passagem, não deve haver outra ação do que aquela

necessária para comunicar à plateia que lugar o aluno/ator veio e para onde vai. Ponto de concentração é calcado no lugar de onde veio e para onde vai. Cabe à plateia descobrir os lugares.

b) Dois alunos/atores entram no palco com o Onde (biblioteca), Quem (Linguagem e Gramática), O Quê (Acordo Ortográfico) definido. Os personagens realizam a cena, estabelecendo contato com os objetos imaginários do ambiente, auxiliando um ao outro a solucionar o problema. O ponto de concentração leva em conta o auxílio dos alunos/atores no contato com os objetos que estão no Onde, enquanto interpretam o Quem e o Quê.

Quem?

a) Um casal de alunos/atores no palco. Um representa o Acreano que se escreve com e, o outro o Acriano que se escreve com i. Os personagens vão usar descrições faciais e emotivas para permitir que a plateia descubra quem é o Acreano e quem é o Acriano. Ponto de concentração é a diferença do i e e na palavra Acriano.

b) Dois advogados estão em cena em um debate caloroso sobre a palavra paraquedas. O primeiro usa o argumento de que o falante de português já perdeu a noção de composição. O outro alega que se para-brisa tem hífen, paraquedas também tem. Cabe à plateia descobrir quem está falando a verdade e que personagens da peça são eles.

O Quê?

a) Os grupos estabelecem o Onde (praça), o Quem (amigos), o Quê (acordo ortográfico não expressado para o grupo). Inicia a cena. Alguns alunos/atores recebem do professor uma mensagem em um pedaço de papel lhe contando o Quê da cena. Esses incluem, cuidadosamente, a temática na conversa. Cabem aos demais aluno/atores descobrirem o Quê do assunto e dar continuidade ao foco.

b) Um aluno/ator escolhe uma palavra que recebia acento e o perdeu, ou uma que não recebia e passou a receber a acentuação. Cabe à plateia descobrir a maneira

correta de escrever a palavra. Ex: alguém escolheu a palavra enjoio que perdeu o acento circunflexo. Ao comunicar a palavra escolhida, ele precisa mostrar em ações físicas e emocionais se a palavra perdeu ou não o acento. O que aconteceu com a palavra? Perdeu ou recebeu o acento.

2.3.2. Ensaios

O aluno tinha total liberdade de escolher seu personagem, decidir se era contra ou a favor das mudanças gramaticais e de como expressaria cenicamente suas conclusões no palco. Não existia julgamento de como fazer a cena teatral pelo professor e nem a defesa de posicionamento contra ou a favor da nova ortografia.

Quando o jogo teatral era apresentado aos alunos, a preocupação na cena era se o foco do problema era mantido. Os alunos atores precisavam deixar claro o Onde, o Quem e o Quando a cena acontecia. Esta função precisa acontecer dentro de “Um grupo saudável, que exige um número de indivíduo trabalhando interdependentemente para completar um projeto, com toda participação individual e contribuição pessoal” (SPOLIN, 2015, p.86).

Para melhor vivenciar a improvisação teatral, dividimos os alunos em jogadores e plateia. Enquanto um grupo de alunos realizava os jogos teatrais no palco, tendo a temática das cenas o Novo Acordo Ortográfico, e o foco de definir para a plateia, quem era o personagem da peça, onde ele estava e quando a cena acontecia, gerando assim uma discussão teatral em cena, os demais alunos eram a plateia. Após a apresentação, o grupo se juntava à plateia e todos faziam uma reflexão do que foi improvisado. A avaliação não visava o julgamento cênico do grupo, mas sim se o grupo foi capaz de deixar a plateia por dentro do que acontecia

2.3.3. O Espetáculo

A apresentação da peça teatral Linguagem foi apresentada para toda a comunidade escolar, no auditório inacabado da escola. Devido à falta de recursos econômicos, valorizamos o material humano no lugar do cenário, da indumentária e da luz.

Figura 8 – Cena do espetáculo Linguagem



Fonte: Arquivo pessoal – 2012

Um dos alunos, ao assumir a função de Coringa no espetáculo, exerceu as seguintes funções: esclareceu para o público, em sua maioria pais de alunos, do que se tratava o texto e qual a necessidade de interpretá-lo. Procurava estimular o interesse da plateia para o entendimento das novas regras ortográficas e, no final, na exortação, incentivou a metamorfose do espectador. A participação dos espectadores no espetáculo Linguagem se deu de uma maneira bem simples, digo, de uma maneira menos teatral, mas foi uma experiência bem gratificante. Foi um momento singular na relação de pais e filhos que tiveram a chance de um espaço tempo escolar destinado à aprendizagem de ambos.

Na última semana do projeto, em uma conversa informal com os alunos, discutimos os pontos positivos e negativos da realização do projeto Arte e o Acordo Ortográfico. Para registrar as vantagens e desvantagens do projeto, foi aplicado um questionário de dez perguntas alusivas às atividades realizadas. O objetivo do questionário e do estudo das atividades feitas pelos alunos foi de analisar se a interdisciplinaridade entre Arte e a Língua Portuguesa ofereceu um ensino aprendizagem interessante e satisfatório ao discente em arte e, por consequência, o ensino das novas regras ortográficas.

Depois foi feita uma tabulação do questionário aplicado e o resultado assim pode ser explicitado.

Tabulação do questionário aplicado aos alunos.

01	Entre as opções abaixo relacionadas com o projeto, marque a que mais gostou.			
	a) Ler a peça teatral “Linguagem”	20,15%		
	b) Soletrando	04,22%		
	c) Minidicionário	06,67%		
	d) Ilustração das regras do Novo Acordo Ortográfico	10,07%		
	e) Os cartazes	18,78%		
	f) Peça Teatral	40,11%		
		Sim	Não	NR)
02	A interdisciplinaridade entre Arte e a Língua Portuguesa ofereceu um ensino aprendizagem interessante e satisfatório ao discente em arte e por consequência, o ensino das novas regras ortográficas.	94,22%	4,22%	1,39%
03	Foi a primeira vez que estudou a nova ortografia?	84,29	14,02	1,69%
04	O Projeto foi útil na sua aprendizagem da arte e por consequência, da nova ortografia?	98,91%	0,09%	1,00%
05	Ilustrar as regras da ortografia lhe ajudou na aprendizagem do desenho (linha, ponto, volume, cor, perspectiva, sombra e luz.) e por consequência, da Língua Portuguesa?	91,20%	6,45%	2,35%
06	O minidicionário lhe ajudou na aprendizagem da ortografia?	76,93%	23,07	00,0%
07	O soletrando ajudou na aprendizagem da Nova Ortografia?	74,32	24,01%	1,67%
08	A leitura ou apresentação da peça teatral Linguagem lhe ajudou na aprendizagem do teatro e por consequência da Nova Ortografia?	93,51%	5,08	1,41%
09	A arte lhe ajudou a entender o Acordo Ortográfico?	90,12	8,79%	1,09%
10	O trabalho multidisciplinar lhe ajudou a entender a Arte e por consequência as regras da nova ortografia?	94,51%	3,49	2,00%

Fonte: Dados da pesquisa

3 - Conclusão

As várias estratégias utilizadas na interartística da Arte-Educação permitiram aos participantes disporem de escolhas para manter relações com o saber (A arte e, por consequência, as novas regras gramaticais da Língua Portuguesa). Com as múltiplas construções do conhecimento oferecido, os discentes exerceram o direito de aprender e participar. Nessa condição, o cidadão-educando motivado criou vínculo com os conteúdos trabalhados e com os objetos desta aprendizagem (Leitura da peça, as ilustrações, cartazes, soletrando, minidicionário, teatro).

Fortalecidos os vínculos prazerosos entre o aluno e o saber, o despertar dos processos atentos contribuíram para a criação da memória de longo prazo entre o que já sabia e o que se estava fortalecendo na apropriação dos conhecimentos de modo crítico e reflexivo. A diferença educacional individual e a igualdade de direitos dos aprendizes ao ter acesso ao saber foram respeitadas. As ações do projeto não ficaram presas ao manual de regras, o objeto do saber, para aprofundar na arte e no acordo ortográfico, o saber objeto. As ações foram calcadas no multi e no interartístico de atividades metodológicas da cultura do pensar.

O aprendiz obteve autonomia para agir com autoria crítica e construtiva para alcançar uma aprendizagem com qualidade e equidade. Com a autoria do pensamento, o discente construiu uma relação bilateral com o saber e valorizou os vínculos formados com os objetos do conhecimento e os demais aprendizes. A metodologia utilizada fez com que todos ensinassem e todos aprendessem, o que facilitou a presença maciça dos aprendizes.

O presente projeto foi desenvolvido pela ótica da arte educação, que serviu de estímulo aos estudantes para construir sua aprendizagem de modo criativo e dinâmico. O professor usou a arte do desenho e do teatro para mediar o conhecimento e permitir que o ambiente artístico induzisse o aluno a construir o seu saber. A arte foi utilizada no projeto com fim em si mesmo, porém, serve de interdisciplinaridade para qualquer aprendizagem, pois ela seduz o educando pela sensibilidade e pela criatividade. Ao ler a peça teatral *Linguagem* e fazer sua apresentação cênica, o discente vivenciou na pele as mudanças da ortografia de maneira personificada, e no brincar de ser aquilo que não é, ele interagiu com o objeto de estudo, a Arte e a Língua Portuguesa. Ao realizar as ilustrações das regras nos cartazes e na montagem das apostilas, o aluno não só apreciou e realizou a arte do desenho, como contextualizou a arte com o objeto de estudo, a arte e a ortografia. Quando ilustrou a capa do minidicionário, o próprio minidicionário e os cartazes do soletrando se expandiu o campo de aprendizagem para o fazer brincando.

Ao aplicar o questionário no final do projeto, a tabulação trouxe resultados positivos de um projeto que, calcado na interdisciplinaridade da arte, soube contextualizar a arte e, por consequência, o Acordo Ortográfico.

REFERÊNCIAS

ARCHER, Michael. **Arte Contemporânea**: Uma história concisa. Martins Fontes. SP, 2001.

BARDIN, L. (2004). **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70.

BOAL, Augusto. **Teatro do Oprimido**. Rio de Janeiro. Editora Civilização Brasileira, 2013.

_____. **200 exercícios e jogos para ator e o não-ator com vontade de dizer algo através do teatro**. Rio de Janeiro, RJ. Editora Civilização Brasileira S.A., 1977.

BORTOLON, D.; GOMES, J. **A mediação “pedagógico-afetiva” em tutoria**: considerações sobre a prática. Disponível em: websmed.portoalegre.rs.gov.br/escolas/revistavirtualagora/.../mediacaonatutoria.pdf acesso em 21/04/2014.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais/Arte**. Brasília. MEC/SEF, 1999.

CHACRA, Sandra. **Natureza e Sentido da Improvisação Teatral**. São Paulo, SP. Editora Perspectiva S.A., 1983.

FERRAZ, Maria Heloísa; FUSARI, Maria F. de Resende. **Metodologia do Ensino de Arte**. São Paulo, Cortez Editora, 1993.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo. Paz e Terra, 2013.

JAPIASSU, Ricardo. **Metodologia do Ensino de Teatro**. Campinas/SP. Papyrus Editora, 2001

KOUDELA, Ingrid Dormien. **Jogos Teatrais**. São Paulo, SP. Editora Perspectiva S.A., 1984.

MAE, Ana (Org.) **Arte/Educação Contemporânea**: Consonâncias internacionais. São Paulo. Editora Cortez, 2005.

_____. **Tópicos Utópicos**. Belo Horizonte. Editora C/Arte, 1998.

PAVIS, Patrice. **Dicionário de Teatro**. São Paulo: Perspecitva, 1999.

PIMENTEL, Lúcia (org.) **Som, Gesto, Forma e Cor**. Dimensões da Arte e seu Ensino. Editora C/Arte, 2003.

REIS, Joaquim Pires dos. **Dramaturgia Betinense (Linguagem)**. Contagem, MG. Santa Clara Editora. 2010.

REVERBEL, Olga. **Um Caminho do Teatro na Escola**. Editora Scipione, 1989.

SPOLIN, Viola. **Improvisação para o teatro**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2015.

SEE/ MG. **Arte**: Proposta curricular. Educação Básica, 2005.